

e quieta. Se ela cair da cruz ou se soltar das correntes, então ela não é mais um segredo. Então, ela se torna um espetáculo. Talvez eu possa lançar algum tipo de feitiço nela, talvez um que tire sua voz sem o uso de correntes. Vou ver o que consigo reunir. Minha magia era mais forte antes de eu ser transformada em uma bebedora de sangue, quando eu era apenas uma bruxa humana. Eu tive que enterrar minha magia inteiramente no monastério, pois tal poder já é um ato indulgente, e eu estava mais propensa a perder o controle de mim mesma.

Agora, eu o uso ocasionalmente — para curar pessoas sob o disfarce de Deus, para obrigar as pessoas quando preciso de persuasão extra, para espionar as pessoas se necessário.

Eu sempre tive o dom de ser capaz de entrar na mente de qualquer animal, então, desde que esse animal esteja à minha vista, e eu possa controlá-lo até certo ponto, vendo através de seus olhos. Por um momento, me passa pela cabeça que se a Syren fosse mais animal do que humana, talvez eu pudesse fazer isso com ela. Eu poderia pelo menos tentar.

O amanhecer rompe o céu nublado quando me sinto mais no controle e composto, e volto para a capela.

A Syren está exatamente onde a deixei, uma visão em santidade. Sua cabeça está caída para o lado, as correntes esticadas ao redor de sua boca, o cabelo loiro caindo ao redor de seu rosto como um anjo. Seus seios permanecem cheios e perfeitos, seus braços presos pelas cordas sem nenhum sinal de seu empalamento. Não há luz no quarto, as velas estão todas queimadas e, ainda assim, parece que ela está brilhando.

Só para mim.

Eu paro e fecho a porta, trancando-a silenciosamente atrás de mim com a chave mestra que enfio em minhas calças.

Ela não se moveu nem um pouco, e sinto uma pontada de medo de que talvez ela esteja morta. Mas então seu peito sobe, só um pouco, respirando silenciosamente. Eu caminho em sua direção e paro para olhar mais de perto, querendo que ela levante a cabeça e encontre meus olhos. Eu quero ver aquele fogo neles que vi ontem à noite, aquela fera diabólica dentro dela.

Talvez nossas feras pudessem sair e brincar.

Mas eu tiro esse pensamento da minha mente e foco na crucificação dela, na cruz. Isso me lembra de permanecer puro, de permanecer no controle, de fazer o que deve ser

feito e apenas o que deve ser feito.

"Olá", eu digo, parado na frente dela. Minha voz soa oca na sala, e eu me sinto um pouco bobo por dizer algo tão sem graça, dado o